

ANLEHNUNG: O RUDIMENTO DO FEMININO EM FREUD

ANLEHNUNG: THE RUDIMENT OF THE FEMININE IN FREUD

Diego Luiz Wamling¹

Resumo: Das tópicas pulsionais, interrogaremos o rudimento do feminino em Freud. Acentuaremos que o austríaco foi capaz de reconhecer seus descaminhos e propor uma via interpretativa que, não-toda, aponta à sexualidade não-fálica – feminina. Balizados pelas problematizações dos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), da *Introdução ao Narcisismo* (1914) e pelos empreendimentos entorno do apoio vital da sexualidade, indagaremos um horizonte capaz de restituir a ambivalência psicanalítica. Com as predileções *anaclíticas*, entenderemos que Freud amplia a sexualidade para pensar o feminino como via de contato com o anobjetal – a indeterminabilidade passiva de nossos atos. Inicialmente, veremos como, na primeira tópica, o autor passa por alto a descrição do feminino ao circunscrever a unificação das pulsões sob a primazia de representantes fálicos. Disto, advogaremos que, alicerçado pelo conceito de *Anlehnung* (*apoio/anáclise*), Freud revê seus pressupostos e enxerga no feminino um horizonte tácito aos investimentos substitutivos. Vital, este rudimento indicará um mais-além de gozo que escapa a quaisquer cristalizações do saber.

Palavras-Chave: Freud. Sexualidade. *Anlehnung*. Mais-Além. Feminino.

Abstract: From the topical impulses, we will interrogate the rudiment of the feminine in Freud. We will emphasize that the Austrian was able to recognize his ways and propose an interpretative route that, not all, points to non-phallic sexuality – female. Supported by the problematizations of the Three Essays on the Theory of Sexuality (1905), the Introduction to Narcissism (1914) and the ventures surrounding the vital support of sexuality, we will explore a horizon capable of restoring psychoanalytic ambivalence. With anaclitic predilections, we will understand that Freud extends sexuality to think of the feminine as a way of contact with the anobjective - the passive indeterminability of our acts. Initially, we will see how, in the first topic, the author overlooks the description of the feminine by circumscribing the unification of the drives under the primacy of phallic representatives. From this, we will argue that, based on the concept of *Anlehnung* (support / *anáclise*), Freud reviews his assumptions and sees in the feminine a tacit horizon for substitutive investments. Vital, this rudiment will indicate a more-beyond enjoyment that escapes any crystallization of knowledge.

Keywords: Freud. Sexuality. *Anlehnung*. Further. Female.

* * *

¹ Graduando do curso de história da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), licenciado e bacharel em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestre em ontologia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGFI UFSC). E-mail: diegowamling@hotmail.com

1. A Primazia Fálica da Sexualidade

1.1. Pulsão, Infância e Universalismo Libidinal

Sobre os “*Três Ensaios...*” de 1905, notamos que as considerações entorno da pulsão, da infância e do universalismo libidinal fazem com que, aquém da *Scientia sexualis*, as perversões modifiquem as explicações naturalistas ao ponto de dispor-nos diante de modos não-biológicos de satisfação. Se até então o erotismo humano fora pautado pelo *instinto (instinkt)*, o diferencial de 1905 é substituí-lo por *Trieb (pulsão)*; um conceito que, apoiado em funções vitais, traduz o dinamismo de pressões e descargas energéticas voltadas para fins inespecífico. *Trieb* “não tem por finalidade manter a vida (no sentido biológico do termo); sua finalidade não é natural” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 16). Por conseguinte, sistematiza uma distinção não-natural da sexualidade que, amparada pelos desvios concernentes ao *objeto* e ao *objetivo/alvo sexual*², amplia o leque dos comportamentos aberrantes.

Com efeito, no que tange os desvios do *objeto sexual*, constatamos, para qualquer sujeito, a viabilidade da inversão homoafetiva. Fala-se de homens cujo “objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para as quais esse objeto não é o homem, mas a mulher” (FREUD, 2016, p. 21). Constatando em cada qual uma predisposição bissexual, Freud retira a inversão do campo patológico. Trata-se de frisar que não é no *objeto* onde se definem as “*taras*”, mas no inconsciente, que, recalcado ou reprimido, retorna na pulsão. Sendo assim, sobre as perversões relativas ao *objetivo/alvo sexual*, temos ou transgressões anatômicas que se fixam em regiões periféricas, ou demoras excessivas nas carícias prévias. Seja voyeurista ou exibicionista, os caminhos da libido no corpo se relacionam como vasos comunicantes de fluxo colateral.

Indicando-nos fins passivos e ativos, estas demoras estão relacionadas ao sadismo (inclinação ativa de subjugar ou infligir dor ao objeto sexual) e ao masoquismo, que, feminino, opõe-se ao sadismo e tem a ver com a passividade de nossos atos. Deste contraste, surge o sadomasoquismo, que, amparado pela bissexualidade³, torna-os duas

² Segundo Freud, enquanto o *objeto sexual* é a “pessoa da qual vem a atração sexual” (FREUD, 2016, p. 21), o *objetivo ou alvo sexual* circunscreve a “ação à qual a pulsão impele” (FREUD, 2016, p. 21).

³ No decorrer de sua obra, Freud alega que atividade e passividade apontam à bissexualidade tática nos homens e mulheres. Esta noção representa uma síntese mais ou menos harmoniosa entre os traços masculinos e femininos. Sendo assim, é o fator decisivo sem o qual dificilmente chegaríamos à “compreensão das manifestações sexuais que realmente se observam no homem e na mulher” (FREUD, 2016, p. 140).

vertentes de uma só perversão, cujas formas ativa e passiva se doam em proporções variáveis. E se já não podemos deixar de acrescentar um forte quinhão de perversidade sob nossa conduta, então não podemos deixar de indagar o gérmen da sexualidade. Estamos falando da infância, que, no contexto primeira tópica, torna evidente o quanto a vida sexual é uma resposta fálica à castração.

Ora, atentando ao fato de que poucos intérpretes reconheceram a regularidade das pulsões infantis, Freud recoloca-nos diante de nossa “pré-história sexual” e encontra na infância os traços basilares das realizações individuais, coletivas e culturais. Do erotismo infantil, diz ele, “são formados os poderes psíquicos que depois se colocarão como entraves no caminho da pulsão sexual” (FREUD, 2016, p. 80). Isto significa que o modelo arcaico da sexualidade aparece na amamentação, quando, *anacliticamente*, o deleite do chuchar adquire independência e exclui propósitos nutritivos. Disto, surge o autoerotismo, que expressa o modo como, ligada a uma zona erógena, a pulsão infantil se satisfaz sem recorrer a objetos extrínsecos ou uma imagem narcísica do corpo. Portanto, anaclítica ou auto eroticamente, somos seres “perversos” destituídos de imperatividade.

Ponderados os fatores do desenvolvimento sexual, quase anárquico, o erotismo infantil é repleto de moções transgressoras ao instinto. E é descrevendo os estádios de organização da libido no corpo que Freud a sistematiza de acordo com as fases da vida.

Para ele, as “fases da libido” designam os momentos do desenvolvimento infantil, ora orientado por uma fixação, ora pela preponderância de uma zona erógena, ora por uma associação objetal. De fato, cronologicamente falando, se – entre 1905 e 1915 – *pré-genitais* são as disposições em que a genitália ainda não impôs sua primazia e faz-se corresponder pelas fases *oral-canibalesca* e *anal-sádica*, então – a partir de 1923 – *genital-fálica* é a fase marcada pelas perturbações da castração, da derrocada do Édipo e pela unilateralidade da genitália masculina. Neste contexto, salientamos 1) que a castração masculina e a *inveja do falo* feminina assinalam a divisão entre infância e maturidade, 2) que a sexualidade é uma resposta para a castração e 3) que, ao longo de sua primeira tópica, Freud passa por alto a descrição do feminino quando, independentemente das diferenças sexuais, demarca a unificação das pulsões sob a primazia de um representante fálico-ideativo de poder, capaz de substituir a angustia da castração.

Por conseguinte, se é verdade que, com o avanço da libido, a complementaridade “atividade-passividade” transfigura-se na oposição “fálico-castrado”, o reconhecimento

do falo assinala, com a castração, o declínio do Édipo. Rastreável em ambos os sexos, o pênis é aqui tomado por seu valor simbólico: “não é redutível a um dado puro e simples, antes o resultado problemático de um processo intra e inter-subjetivo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 226). Mas no que tange o horizonte feminino, devemos salientar que a angústia da castração suscita um sentimento peculiar: a *inveja do pênis*. E se o desenvolvimento dos sexos não é igual, então o que Freud assinala pela infância é, no contexto das pulsões sexuais, a centralidade do símbolo ideativo representante da virilidade: o falo masculino.

Disto, notamos que, em favor da manutenção da espécie e da “função reprodutiva” (FREUD, 2016, p. 122), o fim da fase fálica dá início a puberdade – uma configuração pautada pelo primado da zona genital e pelas diferenças sexuais. Destas coordenadas, salientamos que, aquém de uma orientação específica, a libido surge como um princípio universal que, apesar de neutro, jamais deixa de ser normativamente sexual e ativo

Ora, criada para designar o substrato das pulsões, a *libido* é uma força apta a mensurar as transformações qualitativa e quantitativamente variáveis das excitações sexuais. Retirada da teoria da efetividade, enquanto a pulsão situa-se entre o psíquico e o somático, a libido expressa o dinamismo energético da vida psíquica da pulsão. Designando noções como vontade e desejo, se, qualitativamente, é normativamente sexual, quantitativamente, fornece os meios para mensurar a produção, o aumento, a diminuição, o deslocamento, etc. dos processos sexuais. E é através disto que chegamos num *quantum de libido* integralizante dos investimentos psicosexuais, cujo substituto recebe, em 1914, o nome de *libido narcísica*, e que, face aos dispêndios objetais, se diferencia em *libido objetal* e *libido do Eu*.

Buscando, desde já, algo “mais-além” dos referenciais fálicos, Freud alega que a libido tem origem nas diversas zonas do corpo, mas como é o Eu que irá retê-la, é ele a fonte dos investimentos pulsionais. Neste sentido, a sexualidade é o reencontro em outrem com o narcisismo perdido! Daqui emergem as diferenças sexuais que, ao escopo desta análise, decorrem de um universalismo libidinal.

Com efeito, no contexto dos “*Três Ensaio...*”, as diferenças sexuais são determinadas por uma libido que, aquém de orientações específicas, não carrega nem a marca da masculinidade, nem a da feminilidade, mas é, normativamente, ativa e masculina. A libido é “invariável e necessariamente de natureza ativa” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 110). Portanto, a satisfação só pode ser ativa, “mesmo quando coloca

para si uma meta passiva” (FREUD, 2016, p. 139). Todavia, não podemos esquecer que Freud jamais desvia de nossa predisposição bissexual que, tácita, faz-se rastreável em homens e mulheres. Sendo assim, se as distintas organizações psíquicas devem ser pensadas a partir de um monismo libidinal, no que tange o rudimento do feminino em Freud, nos depararemos com uma concepção que, aquém do Édipo, prioriza o exercício pulsional.

Ora, regulada por este universalismo, a menina desconhece sua vagina e não raro toma o clitóris como homólogo daquilo que inveja: o falo como símbolo do poder. Se Freud articula as diferenças sexuais através de um polo igualitário, a verdade é que apregoa uma indiferenciação inconsciente balizada por um princípio masculino e por um Édipo dissimétrico. Desta forma, se é fato que a mulher é conduzida a “se afiliar às regras masculinas” (ASSOUN, 1993, p. 98), então o monismo freudiano é, na realidade, a confissão de sua eterna dificuldade em definir o feminino.

As disposições *ativas* (sadismo) e *passivas* (masoquismo) mostram como masculinidade e feminilidade se constituem por uma mescla destes componentes antagônicos. Neste interim, salientamos que Freud jamais foge da noção de bissexualidade. Enquanto síntese mais ou menos harmoniosa entre os traços masculinos e femininos, a bissexualidade revela-nos que cada qual carrega consigo uma polifonia de combinações sexuais com atributos ativos e passivos do sexo oposto. Sendo este, portanto, o conceito que nos permite, desde a primeira tópica, compreender as manifestações sexuais dos homens e das mulheres, salta aos olhos como o horizonte feminino vem indicar-nos uma posição passiva e secundária. O feminino, salienta Poli, é o resultado “da flexibilidade no percurso pulsional” (POLI, 2007, p. 32). E para o escopo deste artigo, isto mostra que, sem defini-las, “*Três Ensaio...*” encontra no “escutar as mulheres”⁴ a sexualidade que elas buscam: a masculina, que só historicizar-se-á a partir dos símbolos ideativos de poder.

⁴ Tomando como partida a escuta dos fenômenos que a medicina recusava, a psicanálise buscou compreender a histeria feminina e, junto com a estruturação de uma psicoterapia, enfatizou os conteúdos que fogem ao plano da razão filosófica, justamente pelo fato de não estarem “presentes no campo actual da consciência” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 306). Disto, surge o inconsciente psicanalítico – o grande enigma freudiano.

1.2. As Predileções Fálico-Narcísicas

Isto posto, se em “*Três Ensaio...*” o pênis é substituinte da pulsão perdida, quando passamos à *Introdução ao Narcisismo (1914)*, notamos que este estudo talvez seja o primeiro deslocamento de Freud em relação à sua primazia fálica. Com efeito, até 1914 o austríaco trata o autoerotismo como rudimento do Eu. Anárquicas e hipotéticas, estas predileções se satisfaziam sem ter de recorrer ao mundo externo. Contudo, se isto é verdade, é pelo fato da satisfação dirigir-se ao próprio corpo que não há como desconsiderar o amor que o sujeito cria por sua imagem. Estas pessoas, diz Freud, “buscam a si mesmas como objeto amoroso” (FREUD, 2010c, p. 32). Assim, em referência ao mito de Narciso, torna-se possível questionar a relação do autoerotismo com o reinvestimento da libido no Eu. E se até então encontrávamos nos investimentos objetais a resposta para os problemas da sexualidade, agora trata-se não só de introduzir a forma narcísica de amar, mas de reavivar aquilo que até então fora relegado à marginalidade: a noção de *Anlehnung* (*apoio/anáclise*) que, ao fim da primeira tópica e ao contexto deste estudo, surge como esboço do horizonte feminino.

Foi como se a mulher voltasse [...] à tona na teoria psicanalítica, como uma singularidade *sui generis*, uma cristalização do narcisismo desde então identificável nela mesma. E ainda havia mais: a mulher passou a servir, assim, para pensar o próprio narcisismo, fornecendo sua ilustração arquetípica. (ASSOUN, 1993, p. 98).

Cronologicamente amparados pelas análises de *Leonardo da Vinci (1910)*⁵, do *Caso Schreber (1911)*⁶ e de *Totem e Tabu (1913)*⁷, ainda no escopo da primeira tópica,

⁵ Publicado no ano da primeira menção ao narcisismo, *Leonardo da Vinci e Uma Lembrança da sua Infância (1910)* busca demonstrar o caráter homossexual de uma das memórias de Leonardo, que fora convertida em *pulsão de saber* após o estancamento da libido numa das fases do desenvolvimento. Tal lembrança era a recordação de um abutre que, pousado sobre seu berço, introduzia a calda em sua boca. Para Freud, esta memória liga-se ao aprisionamento de Leonardo na fase oral. Ora, sendo um filho ilegítimo criado pela mãe, não existiu, para o pintor, a figura do pai, o que tornou as condutas ligadas a mãe algo a ser esquecido frente ao recalque. Reprimindo seu amor pela mãe, o menino “coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor” (ESB, vol. XIa, p. 61). Desta negação, torna-se homossexual. Diz-se, portanto, que optou pela via narcísica. Assim como na lenda grega, Leonardo “era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra” (ESB, vol. XIa, p. 61). Assinalando que é a constituição do Eu como imagem de si quem fomenta a distinção entre autoerotismo e escolha objetual, através Leonardo da Vinci, Freud passa a distinguir narcisismo e autoerotismo.

⁶ Um ano após a primeira menção ao termo, Freud analisa o narcisismo com base numa compreensão incipiente da homossexualidade masculina. Pautado pelas *Memórias de um Doente dos Nervos (1903)*, *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia (1911)* demonstra a validade da teoria das psicoses face aos delírios de Daniel P. Schreber. Com efeito, se as “*Memórias...*” descrevem as alucinações de um sujeito “perseguido por Deus”, os urros de Schreber expressam um indivíduo em

notamos, desde 1914, o quanto o narcisismo é integrante necessário da vida subjetiva. Para Freud, ele é a condição de formação do Eu, não raro confundível com o Eu. Porém, no que tange nossa leitura, é possível não só acentuar uma forma narcísica de dispêndio, mas reavivar as predileções *anaclíticas*. Assim, após a análise dos investimentos fálicos relativos à sexualidade e ao narcisismo, defenderemos que *Anlehnung* fornece uma ilustração arquetípica apta a esboçar o rudimento do feminino em Freud.

Ora, a começar pelos casos de *dementia praecox* (esquizofrenia: neurose ou psicose) elencados na “*Introdução...*” de 1914, constatamos – através das predileções narcísicas – não só que, retirando-se do mundo, a libido encontra o Eu, mas que aí opera uma distinção em seus direcionamentos. Estamos falando de “um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto” (FREUD, 2010c, p. 17). Esta distinção, diz Freud em 1914, não passa pela pulsão, mas pela libido, que dirige-se ou ao Eu (*libido do Eu*) ou ao mundo (*libido do Objeto*). Diante disto, se concedemos ao Eu independência em relação aos empenhos mundanos extrínsecos, é aqui onde torna-se possível separar a pulsão sexual da não-sexual (de *apoio, anaclítica*) sem, todavia, cair em teorias indiferenciadas ou abandonar a normatividade da libido estritamente sexual. Para este artigo, isto torna claro o quanto, sem abdicar de seus pressupostos, Freud sempre questionou aquilo que, primordial, só faz sentido secundariamente. Salta aos olhos como o austríaco distingue as predileções narcísicas – que tomam a si como objeto de desejo – das disposições *anaclíticas*, que, *apoiadas* em funções vitais, tomam por objeto as pessoas mais próximas, sendo, por assim dizer, o arquetipo da sexualidade feminina.

Neste interim, salientamos que só mais tarde o Eu se autonomiza. Destituído de egoidade, o autoerotismo surge, inicialmente, como um modo de emprego objetual que

revolta contra o pai; sendo a homossexualidade, portanto, a fonte de seu delírio e o ódio, mecanismo da paranoia. Buscando, pela doença, uma cura, é aqui onde Freud separa narcisismo de autoerotismo e amor objetual, tomando-o como uma fase normal da sexualidade. Em 1911, o narcisismo designará, então, a fase intermediária entre o autoerotismo e os empenhos objetais, na qual o indivíduo, “primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto” (FREUD, 2010b, p. 52). Assim como *Leonardo*, Schreber se fixa na imagem da mãe, identificando-se com ela a ponto de tornar-se seu próprio objeto sexual. Na medida em que se defende do homossexualismo, seus sintomas são manifestos por um desejo disfarçado de alguém semelhante a si e por uma introversão da libido ao Eu. A análise de Schreber supõe que “*o recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo* indica o montante da *regressão* característica da paranoia” (FREUD, 2010b, p. 63).

⁷ Em 1913, *Totem e Tabu* oferece conclusões semelhantes ao *Caso Schreber*, e aloca o narcisismo entre o autoerotismo e os dispêndios objetais. Dispondo a neurose no nível das ações psíquicas mais primitivas, Freud descrever o sentimento de onipotência desta atitude como correlato da crença infantil na onipotência de seus sentimentos.

só adquire autonomia após abandonar seu *apoio* em relação aos familiares. No autoerotismo, não há “uma representação do corpo como uma unidade. O que nele falta é o eu” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 48). Assim, é a partir dele que podemos assinalar uma forma narcísica que, situada entre o autoerotismo e o *narcisismo secundário*, faz-se primária e, desde a infância, constituinte da sexualidade. Com efeito, se este tal *narcisismo primário* designa o primeiro estágio onde a criança orienta a libido para si, então o “Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido” (FREUD, 2010c, pp. 18-19). Destarte, na medida em que o *narcisismo primário* demarca a primeira unificação egóica do indivíduo, o *narcisismo secundário* vem circunscrever o retorno da libido ao Eu após os investimentos mundanos. Sob a batuta desta prevalência fálico-egíoca – portanto, ainda incipiente para tratar do horizonte feminino –, as consequências destas distinções levam Freud a sustentar que talvez o encadeamento mais lógico da sexualidade seja: autoerotismo → narcisismo → escolha objetal.

Ainda no escopo das predileções narcísicas, notamos que a angustia da castração não dá conta de explicar as neuroses. Para Freud, torna-se, então, possível pressupor que o recalque surge do respeito do Eu sobre si. Por este motivo, é preciso estabelecer uma distinção entre *Eu Ideal* e *Ideal do Eu*, uma vez que o sujeito “projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (FREUD, 2010c, p. 40).

Com efeito, se os primeiros investimentos são *anaclíticos*, então devemos acrescentar ao Eu um *sentimento-de-si*, cuja função, diante das sensações de prazer e desprazer, é referir-se “à vida de relação do indivíduo e à sua autoconservação” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 53). Por conseguinte, é possível alegar: o Eu é uma síntese indefinida que, não obstante, é concebida por suas enunciações. E uma delas, revela o texto de 1914, é sua imagem dotada de todas as perfeições: o *Eu Ideal*, que abandona a razão para ater-se na idealização de algo. Todavia, reconhecemos que, quando sintomatizados, estes discursos são autocensores. Eles fazem surgir uma distensão da libido em relação ao *narcisismo primário*: é o *Ideal do Eu*, fomentado a partir dos investimentos no mundo e dos reinvestimentos no Eu. Desta feita, se estamos tratando do deslocamento da libido de um Eu perfeito (*Eu Ideal*) para um ideal imposto socialmente (*Ideal do Eu*), faz-se imperativo notar que a relação entre ambos é efeito de um discurso furado!

Ora, da implicação entre *real*⁸, *simbólico*⁹ e *imaginário*¹⁰, a “Introdução...” de 1914 nos permite sublinhar, junto com Lacan e Garcia-Roza, um vazio no Eu “que remete tanto à presença da pulsão no imaginário como à presença da pulsão no outro” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 70). Se, como complexo de representações, o Eu é furado, então a constituição narcísica faz-se pautada por um conjunto de imagens gravitantes entorno da presença vazia do real. Portanto, sobre as predileções narcísicas, tudo nos leva a sustentar que Eu e alteridade são, na verdade, vazios. Ambos percebem no corpo a tensão alienante de outrem. E ao enquadramento desta análise, isto é o suficiente para, diante do que fora pressuposto desde 1905, enfim reavivarmos o sentido do rudimento anaclítico da sexualidade, pois, se o narcisismo é uma unificação egóica, também é fato que só se autonomiza após abandonar seu *apoio vital*.

Em vista disto, é colocando em maus bocados a primazia fálica da sexualidade¹¹ que a disposição *anaclítica* surge como esboço incipiente do feminino! Tradução de

⁸ Extraído do conceito freudiano de *realidade psíquica*, o termo *real* é utilizado por Lacan para traduzir a imanência fenomênica de uma realidade simbolicamente impossível. Dispondo todos os fenômenos da formação egóica no âmbito do imaginário, expressa os desejos e fantasias inconscientes ligados com a realidade psíquica, bem como o seu “resto”, ou seja, a realidade inacessível e desejanse para qualquer subjetividade. Estruturalmente inseparável do *simbólico* e do *imaginário*, na medida em que é composto pelos significantes linguísticos rejeitados pela lei moral, o *real* designa uma estrutura do inconsciente concernente a realidade das psicoses. Assim, se, para além do sujeito, toda descoberta é um encaminhamento em que a dúvida e o erro se confundem com a verdade, em Lacan o real será justamente esta dúvida (equivalente ao feminino), por sua vez impossível de ser expressa ou simbolizada.

⁹ Sendo um dos registros essenciais da psicanálise, o *simbólico* é introduzido por Lacan para designar a ordem dos fenômenos estruturados no escopo de uma linguagem e cujo propulsor real faz-se na palavra. O emprego deste termo é o que diferencia as psicanálises de Freud e Lacan. Com efeito, se na *Interpretação dos Sonhos* o *simbólico* é o conjunto das significações constantes que, direta ou indiretamente, são descobertas no inconsciente, a marca de tal diferença se faz patente, pois, enquanto Freud acentua a complexidade das relações que unem o simbólico com seu representante, para Lacan, é sua estrutura sistemática quem assume a primazia, pois a ligação entre o simbólico e o simbolizado é impregnada pelo domínio do *imaginário*. Diferentemente de Freud, a utilização lacaniana deste termo tanto aproxima a estruturação do inconsciente ao que há de fecundo na linguística, quanto mostra no indivíduo a persistência tácita de uma ordem simbólica pré-estabelecida. Questiona-se sobre a possibilidade de haver uma estrutura cujos elementos funcionam como significantes e sobre a plausibilidade de designar pela expressão *Nome-do-pai* uma lei que, fundante desta ordem, não se reduza ao imaginário.

¹⁰ Utilizado como substantivo, o *imaginário* é introduzido por Lacan para designar um dos três registros essenciais da psicanálise: o real, o simbólico e o imaginário. Caracterizado como o registro da relação dual entre o sujeito e a imagem do outro, é a evidência da primeira elaboração especular, onde o Eu da criança dá-se a partir da imagem de seus semelhantes. Fornecendo a regra da partilha real e imaginário, o estágio do espelho representa um drama cujo impulso “precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica” (LACAN, 1998, p. 100). Assim, o *imaginário* é qualificado segundo quatro pontos: 1) a partir da relação narcísica e intrasubjetiva do indivíduo com seu Eu; 2) intersubjetivamente, a partir da dualidade entre meu Eu e o Eu de meu semelhante; 3) quanto ao meio ambiente (*Umwelt*), pois pressupõe uma relação etiológica animal que atesta a recorrência das *gestalten* sobre o comportamento; e 4) quanto às significações, onde a semelhança das formas atesta a ambiguidade entre significantes e significados.

¹¹ No decorrer de toda a primeira tópica, a compreensão da sexualidade dividiu-se entre investimentos externos relativos à pulsão sexual e os reinvestimentos narcísicos das pulsões egóicas. Ambos, devemos

Anlehnung, *apoio/anáclise* sistematiza não só uma relação e uma oposição entre as catexias sexuais e de autoconservação, mas é a expressão de uma posição inatacável da libido que enfatiza o quanto as pulsões estão *apoiadas* em funções vitais. Balizados pela constatação de que a criança lactante encontra sua autonomia na repetição da satisfação, este conceito expressa, no limiar entre a primeira e a segunda tópica, a persistência tácita de um horizonte não-fálico. Sendo assim, faz supor o “fundo remissivo das pulsões” e, nestes termos, designa o primeiro lugar do horizonte feminino na psicanálise freudiana. Vejamos.

2. *Anlehnung*, o Apoio Vital da Sexualidade

Das formulações da primeira tópica, não resta dúvidas que a teoria das predileções objetais é uma de suas contribuições mais profícuas. Trata-se aí de enunciar os caminhos pelos quais – objetal, narcísica ou anaclíticamente – o indivíduo se fixa n’algum tipo de parceiro. Com efeito, até aqui fundamentamos a objetividade e a disposição narcísica, pelas quais o falo (representante ideativo de poder) é ao mesmo tempo símbolo substitutivo (pulsão sexual) e investimento em si (pulsão egóica). Mas agora resta-nos reavivar aquela noção que, anunciada desde os ensaios sobre a sexualidade, pouca importância recebeu, apesar sua persistência e primordialidade. Devemos tornar a pensar a disposição *anaclítica* que, rudimento do feminino, revela-nos, aparte de qualquer conflito com a sexualidade, o quanto as funções vitais mostram ao erotismo o caminho do objeto.

Fundamental à concepção do horizonte feminino, *apoio* ou *Anáclise* vem traduzir o valor conceitual do termo *Anlehnung*, utilizado por Freud para designar a relação primordial e o processo de diferenciação que, de funções corporais, se efetua entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. De modo geral, tal conceito significa “apoiar-se, sustentar-se sobre alguma coisa” (LAPLANCHE, 1985, p. 24). Isto quer dizer que, assumindo independência secundariamente, as pulsões fálicas encontram-se amparadas por funções vitais, que, por sua vez, lhes fornecem uma fonte orgânica, um objeto e uma direção. Restituindo a importância deste conceito que, pouco usual, fora amplamente ignorado, é partir daqui que podemos passar a considerar o esboço de uma escolha distinta da primazia fálica defendida ao longo de toda a primeira

reconhecer, estão sempre voltados à produção de sentido à cena da consciência. Portanto, circunscritas no plano fálico.

tópica. Estamos falando da predileção *anaclítica*; do fato do “indivíduo se apoiar sobre o objeto das pulsões de autoconservação na sua escolha de um objeto de amor” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 66).

Firmado progressivamente ao longo dos anos, notamos, desde as primeiras edições de “*Três Ensaio...*”, que Freud descreve a relação entre a pulsão e as funções vitais do corpo. O exemplo utilizado em 1905 para fundamentar as disposições *anaclíticas* é a atividade oral da criança lactente que encontra seu quinhão de prazer na satisfação das necessidades alimentícias – na sucção do leite, por exemplo. Salta aos olhos como a sexualidade faz-se *apoiada* por funções corporais que fornecem ao indivíduo sua fonte/zona erógena e indicam o seio materno como objeto de desejo, causando assim um prazer que não se reduz à satisfação das necessidades vitais. Efetua-se “uma dissociação da qual nasce um prazer erótico, irreduzível àquele que é obtido unicamente pela satisfação da necessidade” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 31). Estamos falando da necessidade que a criança tem de repetir ativamente o prazer gerado pela sucção do leite e que, concomitantemente a satisfação vital, vai se tornando autonomamente pulsional. Diante disto, se entendemos que a sexualidade só adquire autonomia secundariamente, então a disposição *anaclítica* também aplicar-se-á às pulsões parciais que admitem *apoio* noutras funções do corpo, a saber: “assim como a zona labial, a localização da zona anal a torna adequada para favorecer um *apoio* da sexualidade em outras funções” (FREUD, 2016, p. 91)

No decorrer dos anos, isto leva Freud a entender que a gênese das escolhas objetais está pautada pela escolha narcísica. Entre 1910 e 1912, *Anlehnung* faz-se presente ao ponto de indicar uma relação primordial entre a pulsão sexual e as catexias egóicas, sendo vivenciada apoiando-se em funções relativas à conservação da vida. Já em 1914, não há como negar que, diferentemente da posterior reformulação do dualismo pulsional, a distinção entre duas formas de escolha objetual não aponta, todavia, para mudanças significativas neste conceito. A *Introdução ao Narcisismo* limita-se em compreender a escolha *anaclítica* opondo-a a predileção narcísica. Tal análise orienta a necessidade de considerarmos um tipo de escolha pautada pela relação amorosa do indivíduo com sua imagem, mas passa por alto as predileções efetuadas a partir das necessidades vitais, que, dentro de nosso escopo, correspondem aos primeiros objetos sexuais. A revelação de uma predileção narcísica apenas relativiza a escolha *anaclítica*: “a noção de escolha de objeto por *apoio* não era senão o prolongamento da teoria fundamental do apoio como tempo sempre renovado da emergência da

sexualidade” (LAPLANCHE, 1985, p. 79). Sendo assim, cronologicamente falando, é apenas em 1915, na terceira edição dos “*Três Ensaaios...*”, que Freud traz à baila o real alcance deste conceito. Desde então, *Anlehnung* torna-se uma das características essenciais da infância, por sua vez relacionada ao rudimento de um horizonte não-fálico da sexualidade.

Ora, seguindo a batuta de nomes como Laplanche, Pontalis, Garcia-Roza e Assoun, observamos que, sem receber sua devida atenção, *Anlehnung* intervém, na maioria das vezes em nossas escolhas objetais, fazendo supor um “fundo remissivo das pulsões”. Este termo aponta não só para a relação arcaica da sexualidade com as funções conservadoras da vida, mas demarca a separação entre estas e a pulsão sexual. De fato, a ideia de que as pulsões sexuais vão, em sua origem, requerer as pulsões de autoconservação, suas fontes e seus objetos faz supor uma diferença essencial entre estas duas espécies de catexias. Enquanto as pulsões sexuais têm o funcionamento pré-determinado pelo corpo (aparelho somático), e seu “seu objeto é imediatamente fixado” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 67-68), as catexias de autoconservação se definem por um modo de satisfação que não vai além “de um benefício obtido à margem do funcionamento das primeiras” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 68). Ambas estão pautadas por princípios distintos: na medida em que pulsões egóicas só se satisfazem com um objeto real, “o princípio que rege seu funcionamento é o princípio de realidade, enquanto as pulsões sexuais, podendo ‘satisfazer-se’ com objetos fantasmáticos, encontram-se sob o predomínio do princípio de prazer” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 124). Assim, se o sentido de *Anlehnung* “é estabelecer uma relação e uma oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 67), então é a partir desta noção que torna-se possível pensar no primeiro esboço da sexualidade feminina em Freud.

Abrindo espaço para uma resposta mais ampla às cristalizações fálico-egóico-substitutivas, a sexualidade vista sob a perspectiva das predileções *anaclíticas* permite não só supor que ela (sexualidade) está pressuposta em todas as nossas ações (somáticas ou não), mas que raramente é encontrável como uma função autônoma, pois só secundariamente se separa do outro. Neste interim, a querela de saber se o erotismo infantil é 1) investido de um objeto primário, 2) se inicia com o autoerotismo ou 3) se tem como ponto de partida o narcisismo adquire uma solução mais complexa. Antes de avançar às escolhas objetais, a pulsão sexual se satisfaz autoeroticamente, mas, em contrapartida, as pulsões de autoconservação ainda estão relacionadas ao objeto;

portanto, na medida em que a sexualidade *apoiar-se* nas funções de conservação, “existe, igualmente para as pulsões sexuais, uma relação com o objeto; só quando se separam é que a sexualidade se torna autoerótica” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 68). É só quando *alvo* e *objeto* sexuais adquirem autonomia que o autoerotismo tem início.

Pois bem, se não é o seio, mas o processo de sucção do leite que proporciona satisfação, então é crucial notar que, paralelamente ao alívio da tensão ocasionado pela ingestão do alimento, ocorre, na criança, um processo sexual. Este processo designa a excitação da zona bucal pelo mamilo e pelo fluxo do leite. Segundo Laplanche, “essa excitação é calcada na função¹², a tal ponto que, entre os dois, mal se percebe, de início, uma diferença (LAPLANCHE, 1985, p. 25), pois o *alvo* é realmente íntimo à necessidade nutritiva. Para o psicanalista francês, *objeto*, *alvo* e *fonte* podem ser resumidos na seguinte asserção: “‘isso entra pela boca’. ‘Isso’, é o objeto; ‘entra’ é o alvo e quer se trate de alvo sexual ou de alvo alimentar, o processo é de qualquer maneira um ‘entrar’; ‘pela boca’” (LAPLANCHE, 1985, p. 25). Sendo assim, se ao nível da fonte encontramos a mesma duplicidade, então o *apoio* da pulsão numa função vital jamais será uma dedução metafísica; antes um processo descrito segundo o exemplo arquetípico da oralidade.

O *apoio* da pulsão é, por conseguinte, o suporte que a sexualidade infantil encontra nas funções relativas à conservação da vida, e que, no decorrer do desenvolvimento libidinal (juntamente com as escolhas objetais), nos faz repetir certas vivências longínquas atribuídas predominante aos progenitores que alimentam e protegem. Para Laplanche, o que Freud descreve com a predileção *anaclítica* é o fato da sexualidade incipiente apoiar-se n’outro processo – um processo ao mesmo tempo similar e distinto de si. A pulsão “apóia-se numa função não sexual, vital [...] numa ‘função corporal essencial à vida’” (LAPLANCHE, 1985, p. 24)¹³, que, por sua vez, faz-se tácita sob nossas predileções. Nos dizeres de Freud, as pulsões sexuais estão inicialmente apoiadas nas pulsões do Eu, mas este *apoio* “mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui” (FREUD, 2010c, p. 32). A escolha objetal *anaclítica* se insere, portanto, num registro duplo: no das pulsões, onde

¹² Para Laplanche, os termos função, necessidade e instinto determinam o “registro vital ou registro de autoconservação por oposição ao registro sexual” (LAPLANCHE, 1985, p. 24)

¹³ Ainda segundo Laplanche, no que tange esta relação de suporte da pulsão numa função somática, talvez a noção de *Anlehnung* seja melhor descrita se compreendermos que o *apoio* é, em sua origem, um apoio da sexualidade infantil no instinto, aqui entendido como aquilo que norteia as necessidades essenciais para a vida (Cf. LAPLANCHE, 1985, p. 24)

predomina um *apoio* das catexias sexuais nas pulsões de autconservação e, no que tange o objeto, na escolha feita segundo o modelo materno (feminino), que, como já podemos notar, representa o primeiro objeto sexual, ainda que não-fálico. Assim, não restam dúvidas de que encontrar o objeto é, reencontrá-lo; reencontrar aquela primeira ligação que, por funções de *apoio*, não passa pelo crivo fálico de uma sexualidade pautada pelo princípio do prazer, mas remete ao anobjetal que subverte a lógica objetal do desejo.

Como bem salienta Freud, se – para além de uma mera determinação de grupos puros e ideais de pessoas – as predileções *narcísicas* e *anaclíticas* estão mutuamente implicadas em cada sujeito, então o “ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria” (FREUD, 2010c, p. 33). E se é fato que tais disposições não são nitidamente diferenciáveis, então a distinção entre o tipo de escolha no homem e na mulher é, também, demarcável. Para o austíaco, só o homem está apto à completude objetal. Com o avanço da puberdade, o narcisismo é, para a mulher, intensificado, o que a impede, ao menos parcialmente, de “uma verdadeira escolha objetal. Assim, enquanto o homem ama a mulher, esta ama a si mesma” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 203). E é, portanto, da leitura de Paul-Laurent Assoun que acentuamos o quanto Freud busca trazer novamente à baila o feminino. Para Assoun, é como se este horizonte, em sua singularidade, fosse deveras *sui generis*; uma cristalização do narcisismo que, identificável apenas consigo mesma, é capaz fornecer o arquétipo de todo narcisismo.

Ora, vital à enunciação do horizonte feminino, a escolha *anaclítica* encarna, portanto, um posicionamento inatacável da libido, vivido apenas no próprio corpo. Daí sua beleza, pois, enquanto razão narcísica, designa um efeito do narcisismo “que teria encontrado um corpo harmonioso” (ASSOUN, 1993, p. 98). É como se, livre perante a objetividade fálica, o horizonte feminino fornecesse uma soberania lúdica que se basta, servindo, assim, para compensar as mazelas de sua realidade – a liberdade que lhe é socialmente tolhida. Ora, se é verdade que o desejo vê-se aprisionado na objetividade, anaclíticamente falando, “a pureza narcísica se traduz nessa suspensão de qualquer escolha objetal, que lhe confere o privilégio de rejeitar a lei do objeto” (ASSOUN, 1993, p. 99). Sendo assim, se interrogamos o feminino desde a noção de *Anlehnung*, salta aos olhos como, ao cabo de sua primeira tópica, Freud coloca em suspenso a lógica fálica daquele desejo que só se satisfaz mediante um objeto, seja este objeto um símbolo ideativo ou um investimento narcísico.

O horizonte que se abre a partir do *apoio* vital da sexualidade tende ao obscuro. Ele desafia a psicanálise, que encontra sérias dificuldades em nomeá-lo. E é assim que enfim se anuncia a possibilidade de uma sexualidade feminina (não-fálica). Trata-se de uma sexualidade que não aponta simplesmente à tentativa de substituir o objeto castrado por um falo ou por uma imagem egóica, mas para a promessa de encontro com o “ver novamente o desagradável”, com o rompimento, com o vazio, com o sem-sentido – ao menos o sentido fálico.

3. Conclusão: o rudimento do feminino na Psicanálise

No limiar entre a primeira e a segunda tópica pulsionais, *Anlehnung* estabelece não só uma relação e uma oposição entre as catexias sexuais e de autoconservação, mas expressa uma posição inatacável da libido que torna claro o quanto as pulsões estão *apoiadas* em funções vitais. Para Freud, este conceito designa a persistência tácita de um horizonte não-fálico. Ele faz supor o “fundo remissivo das pulsões”. Assim, representa o primeiro lugar do feminino na psicanálise.

Para além de uma dedução metafísica, alude ao suporte da sexualidade em funções não sexuais. É o *apoio* num processo que se insere tanto no registro da objetividade quanto no das escolhas segundo o molde materno. Por conseguinte, encontrar o objeto é reencontrar a ligação *anaclítica* que não passou pelo crivo fálico da sexualidade, mas pelo anobjetal, que, feminino, desconfia e subverte a lógica cristalizante do desejo. Diante disto, se é possível distinguir o tipo de escolha no homem e na mulher e se só o homem está apto a completude objetal, então é a mulher que, dotada de um narcisismo autossuficiente, indicar-nos-á um horizonte capaz de, via *Anlehnung*, subverter/rejeitar “a lei do objeto” (ASSOUN, 1993, p. 99).

Com efeito, arquetípico, o horizonte feminino só é identificável consigo mesmo! Ele encarna uma posição libidinal vivenciável apenas no próprio corpo, e que, por sua amplitude e persistência, desafia a psicanálise ao anunciar uma via de contato com o anobjetal, com o “quero ver de novo”, com a repetição da castração – com a sexualidade não-fálica. Ao recorte desta análise, isto significa Freud outorga às mulheres um forte narcisismo! Desejando ser desejada, a mulher não só é a encarnação daquilo que, “mais-além”, se prende ao “sem-sentido”, mas efetua um retorno ativo à posição passiva. Portanto, se o austríaco o inquirir a partir da disposição *anaclítica*, o que fomenta é uma

perspectiva quiçá indeterminável, pois é fato que, desde então, a jamais deixou de indagar, existencialmente, a ambiguidade das vivências em primeira pessoa.

“Mais-além” da objetividade, o feminino torna-se, ainda que de maneira rudimentar aos progressos da psicanálise, vital à humanidade. Tal horizonte indica-nos um subsolo de indeterminação irreduzível perante as formulações da primeira tópica – quando, balizado pelos processos de conscientização, o erotismo dividia-se entre investimentos externos relativos à pulsão sexual e os reinvestimentos narcísicos das pulsões egóicas. Indagar o esboço do feminino em Freud significa, portanto, inverter o saber psicanalítico. É suspendê-lo, de modo a restituir sua perplexidade e ambivalência fundamentais. É suspeitar de seu objeto e, desde *Anlehnung*, exprimir uma verdade inquestionável. Assim, em seu querer “mais-além”, o rudimento do feminino é uma interrogação, mas também o registro de um fragmento de verdade insolucionável.

É a presentificação do enigma psicanalítico que, indizível, deixa logos e tradição estarrecidos. É o “mais-além” que nos permite mensurar a distância entre o “saber analítico e a verdade que ele explora e que a ele se recusa” (ASSOUN, 1993, p. 24). Por conseguinte, nos põe em contato com o rompimento, com o vazio, com a repetição da castração. Em suma, trata-se da via de contato com a ambivalência passiva de nossos atos.

Referências

- ASSOUN, P-L. *Freud, a Filosofia e os Filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1978.
- _____. *Freud e a Mulher*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- _____. *Introducción a la Metapsicología Freudiana*. Argentina [Buenos Aires]: Editorial Paidós, 1994.
- _____. *Lecciones Psicoanalíticas Sobre Masculino y Feminino*. Argentina [Buenos Aires]: Nueva Visión, 2006.
- BIRMANN, J. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- FREUD, S. (1893-1895). *Estudos Sobre a Histeria*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. II.
- _____. (1900). *A interpretação dos sonhos (I)*. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. IV.
- _____. (1900). *A interpretação dos sonhos (II)*. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. V.
- _____. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, vol. VI.

- _____. (1910). *Leonardo da Vinci e Uma Lembrança da sua Infância*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XIa.
- _____. (1911) *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico*. In: FREUD, S. *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (“o caso schreber”)*, *Artigos Sobre Técnica e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, vol. X.
- _____. (1911). *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia (dementia paranoides) Relatado em Autobiografia*. In: FREUD, S. *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (“o caso schreber”)*, *Artigos Sobre Técnica e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, vol. X.
- _____. (1913-14). *Totem e Tabu*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XIII.
- _____. (1914). *Introdução ao Narcisismo*. In: FREUD, S. *Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c, vol. XII.
- _____. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. In: FREUD, S. *História de uma Neuróse Infantil (“O Homem dos Lobos”)*, *Além do Princípio do Prazer e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010e, vol. XIV.
- _____. (1931). *Sobre a Sexualidade Feminina*. In: FREUD, S. *O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010i, vol. XVIII.
- _____. (1933). *Feminilidade*. In: FREUD, S. *O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010j, vol. XVIII.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014a.
- _____. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução a teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986
- _____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008a. v. I.
- _____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008b. v. II.
- _____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014b. v. III.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998
- _____. *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985
- _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.
- LAPLANCHE, J. *Vida e Morte em Psicanálise*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1985.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- POLI, M. C. *Masculino/Feminino: A Diferença Sexual em Psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- ROUDINESCO, E. *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998
- SCHREBER, D. P. *Memórias de Um Doente dos Nervos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

Anlehnung: o rudimento do feminino em Freud

Recebido em: 30/06/2019

Aprovado em: 04/11/2019